

G

NOVO HORIZONTE MUDOU DE NOME E DEU A VOLTA

GAZETA
NOS
BAIRROS

NOVO
HORIZONTE



BAIRRO DA SERRA, QUE CONCENTRA FÁBRICAS E COMÉRCIO DIVERSIFICADO, JÁ FOI CONHECIDO POR ABRIGAR A SEGUNDA MAIOR ZONA DE PROSTITUIÇÃO DO PAÍS, QUANDO SE CHAMAVA SÃO SEBASTIÃO

TATIANA PAYSAN

Cercada por muito mato, a região de São Sebastião, mais conhecida por Carapeba, na Serra, foi conhecida como área de concentração de prostíbulos. A atividade rendia lucros: o bairro chegou a ter a maior renda per capita do Estado. Mas só para os administradores.

Os moradores não gostavam da situação. E a realidade mudou. Primeiro foi o nome do bairro, que passou para Novo Horizonte. Depois, a fonte de renda econômica da região, que hoje vem de fábricas e comércio diversificado.

Mas vamos à história de Novo Horizonte. Até 1965, o local que era povoado por mineiros e capixabas de classe média, que se interessavam em comprar uma chácara perto de Carapebus, que se transformou, em 1968, na Vila de São Sebastião.

Foi para lá que o então governador do Estado, Cristiano Dias Lopes, transferiu os prostíbulos que funcionavam na região central de Vitória – e que tanto incomodavam as famílias da Capital.

Contam os moradores mais antigos que se tratava da segunda maior zona de meretrício do país, que só perdia para a área portuária de Santos, em São Paulo. Tinha fama internacional.

PERSONAGEM. Foi justamente naquela época que Clara Mathilde Marques, de 79 anos, se mudou para o bairro. Ela montou um restaurante para servir às mulheres que trabalhavam na zona. E acabou tendo uma outra função também, a de ficar com os filhos dessas mulheres para que elas pudessem trabalhar.

Porém, o período áureo co-

meçou a se esgotar no final da década de 1970, com o início do fechamento de todas as casas de prostituição – o que terminou em 1982.

Dona Clara também foi obrigada a fechar o restaurante. O inchaço do bairro e a invasão de lotes vagos são algumas das causas apontadas pelos moradores para o fracasso.

A maior parte dos invasores vinha da Bahia e de Minas Gerais. Eles foram atraídos pela promessa de emprego na construção da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), que teve início em 1983. Quando as obras acabaram, muitos permaneceram no bairro, desempregados, iniciando um bolsão de pobreza.

Hoje, o bairro ainda conta com pontos de pobreza, mas evoluiu bastante. Mais de 12 mil moradores moram no local e engrossam o coro dos que não pensam em deixar o local tão cedo. “Amo esse lugar e não quero sair daqui”, afirmou dona Clara.



PERFIL. Mais de 12 mil pessoas moram em Novo Horizonte, que ainda mantém alguns pontos de pobreza, mas está em ascensão nas áreas comercial e industrial. FOTO: CARLOS ALBERTO DA SILVA

PERSONAGENS

Vizinha doou carro de churrasquinho

“Vim de Teixeira de Freitas, na Bahia, há 17 anos, porque a situação estava difícil por lá. Meu marido veio na frente e conseguiu arrumar serviço. Eu vim depois com os cinco filhos. Isso aqui era mata pura, com muita taboa. Mudei para uma parte do bairro que era brejo puro, e tive que aterrizar para poder construir o meu churrasquinho. Muitas pessoas também invadiram a região. O grande problema é que não podia chover que alagava tudo. Com o tempo, a situação melhorou um pouco e acabei montando uma quitanda pra mim, em 2004. Mas, como a situação estava muito difícil, tive que fechar em 2005. Para não ficar à toa, há cerca de um ano, passei a vender churrasquinho na pracinha, com o carrinho que uma vizinha me doou. É uma das formas que tenho para colocar dinheiro dentro de casa.”

FOTOS: CARLOS ALBERTO DA SILVA

ALZIRA MARIA DO ROSÁRIO
Vendedora



Venda de quitutes é fonte de renda

“Há dezoito anos, me mudei para Novo Horizonte. Vim como muitos: em busca de emprego. Em Minas Gerais, a situação estava difícil. Meu marido estava desempregado e veio trabalhar em uma empresa instalada dentro da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST). Depois de seis meses, vim com a família. Para ajudar na renda e a pagar o aluguel de casa, lavava várias trouxas de roupas para fora. Depois de um tempo, consegui dois empregos: durante a semana eu era auxiliar de serviços gerais e no final de semana, doméstica. Foi assim que conseguimos juntar dinheiro para comprar o terreno e construir nossa casa. Hoje, ainda trabalho fora e também vendo quitutes na pracinha do bairro, todos os dias. Vendo salgados, bolo de chocolate, lanche, refrigerante e cerveja. Foi assim, com muita luta, que, graças a Deus, consegui criar meus filhos e conquistar minha casa própria.”

DIVA MARIA DE OLIVEIRA
Quituteira

MUDOU DE NOME E DEU A VOLTA POR CIMA

O que vem por aí



PERFIL. Mais de 12 mil pessoas moram em Novo Horizonte, que ainda mantém alguns pontos de pobreza, mas está em ascensão nas áreas comercial e industrial. FOTO: CARLOS ALBERTO DA SILVA



“

No final da década de 1968, já criava uma menina e acabei tendo que ficar com mais quatro crianças, porque as mães que trabalhavam na zona viajavam e não voltavam para buscá-las”

CLARA MARQUES

TERÇA-FEIRA

Fundação monta creche para crianças fora da rede pública

Dar oportunidade de estudo a crianças que não conseguiam ser atendidas por creches públicas. Foi com esse objetivo que surgiu, em 2000, a Fundação São Beneditora. Vagas são abertas para crianças de dois a seis anos de idade.

QUARTA-FEIRA

Valão provoca inundações quando chove

Um valão que corre a céu aberto e fica às margens do bairro é um dos principais problemas enfrentados pelos moradores. Em períodos de chuva, os quintais e casas ficam alagados.

QUINTA-FEIRA

Música ajuda a superar a paralisia infantil

Nem a perda dos movimentos nem o fato de ter sido desenganado por médicos tiraram a alegria de viver e a força de vontade de Gisleno da Fonseca, que encontrou na música o seu refúgio.

SEXTA-FEIRA

Operador de máquinas vira dono de supermercado

Eldecir Sotele contou com a ajuda da irmã, que montou uma pequena venda em casa para que ele tomasse conta. Hoje, tem uma loja de 300 m². Ele é um dos empresários do bairro que contam, em entrevistas, como progrediram nos negócios.

SÁBADO

Aprenda a andar pelo bairro com o mapa ilustrado

Mapa traz o traçado de ruas, itinerário de ônibus e a localização de serviços de utilidade pública, como policlínica e escolas, além de supermercados, igrejas, lojas e rádio comunitária.

de churrasquinho

...há, há 17 anos, porque a situação veio na frente e conseguiu arru...s cinco filhos. Isso aqui era mata...ra uma parte do bairro que era...a poder construir o meu barra...vadiram a região. O grande pro...e alagava tudo. Com o tempo, a...beei montando uma quitanda pra...ção estava muito difícil, tive que...toa, há cerca de um ano, passei...ha, com o carrinho que uma vi...que tenho para colocar dinheiro



Venda de quitutes é fonte de renda

“Há dezoito anos, me mudei para Novo Horizonte. Vim como muitos: em busca de emprego. Em Minas Gerais, a situação estava difícil. Meu marido estava desempregado e veio trabalhar em uma empresa instalada dentro da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST). Depois de seis meses, vim com a família. Para ajudar na renda e a pagar o aluguel de casa, lavava várias trouxas de roupas para fora. Depois de um tempo, consegui dois empregos: durante a semana eu era auxiliar de serviços gerais e no final de semana, doméstica. Foi assim que consegui juntar dinheiro para comprar o terreno e construir nossa casa. Hoje, ainda trabalho fora e também vendo quitutes na pracinha do bairro, todos os dias. Vendo salgados, bolo de chocolate, lanche, refrigerante e cerveja. Foi assim, com muita luta, que, graças a Deus, consegui criar meus filhos e conquistar minha casa própria.”

DIVA MARIA DE OLIVEIRA
Quituteira

